SERVIÇO NACIONAL DE INFORMAÇÕES

AGÊNCIA CENTRAL

APRECIAÇÃO Nº 010/21/AC/82

DATA : 08 Mar 82.
ASSUNTO : Situação atual da subversão na AMÉRICA DO SUL (exceto BRASIL).
ORIGEM : AC/SNI.
DIFUSÃO : CH SNI - EsNI - 2ª Sec/EMFA (FA-21) - Subch Info EMA (M-20) - 2ª Sec/EMAER - 2ª Sec/1ª Subch EME - CIEX/MRE - SG/CSN

1. INTRODUÇÃO.

A "Agressão Encoberta", através das chamadas "Lutas Revolucionárias", vem-se constituindo, desde longo tempo, na opção estratégica do Movimento Comunista Internacional (MCI) para desestabilizar países do mundo democrático, visando a implantar regimes políticos que atendam aos interesses da UNIÃO SOVIÉTICA.

Nos países que compõem a fração sul do continente americano, a presença da subversão, principalmente a de inspiração marxista-leninista, caracterizou-se, nas décadas de 60 e 70, pela continuidade de ações e pela multiplicidade de formas de atuação.

Nesse contexto, despontaram a ARGENTINA, o URUGUAI, a BOLÍVIA e a COLÔMBIA, como os mais afetados pelas investidas da subversão, e o CHILE, onde uma frente popular chegou a alcançar o poder.

Em Fev 74, o movimento subversivo da região passou a contar com um novo fator: o trabalho da Junta de Coordenação Revolucionária (JCR).

Criada, na AMÉRICA DO SUL, por iniciativa das organizações esquerdistas Movimento de Esquerda Revolucionária (MIR), do CHILE, Movimento de Libertação Nacional/Tupamaros, do URUGUAI, Exército Revolucionário do Povo (ERP), da ARGENTINA, e Exército de Libertação Nacional (ELN), da BOLÍVIA, a JCR procurou estrutu-

lar-se adequadamente nos três primeiros anos, para dar cumprimento à missão de coordenar e apoiar materialmente os segmentos subversivos atuantes na região.

Apesar de ter desempenhado, após essa fase, um papel de relativa influência junto às organizações de esquerda, a JCR alcançou o final da década de 70 sem ter logrado impor-se como entidade coordenadora do movimento subversivo como um todo, em face, principalmente, das divergências que se faziam sentir em sua cúpula.

Diante da presença da subversão, a reação dos governos dos países sul-americanos mostrou-se diversificada, variando desde as negociações com as esquerdas (muitas vezes com perda de parcela da autoridade dos governos constituídos), até o desenvolvimento de repressão violenta ao trabalho subversivo (em alguns casos, à custa de um "endurecimento" dos regimes políticos vigentes).

No ocaso dos anos 70, a subversão, em diferentes graus, mostrava-se como uma realidade presente em toda a AMÉRICA DO SUL. Entretanto, o balanço geral do confronto entre as organizações subversivas e os governos da região apresentava um saldo expressivo em favor dos últimos.

2. ATUAÇÃO DA SUBVERSÃO NA ATUALIDADE.

A atuação da subversão na AMÉRICA DO SUL continua a se caracterizar pelo predomínio de ações de fundo nitidamente esquerdista, inseridas, quase todas, no processo de expansão do comunismo internacional, concebido e executado, principalmente, a partir de MOSCOU.

Relativamente ao modo de atuar, os subversivos têm adotado linhas alternativas de conduta, subordinando-as à situação política vigente em cada país. Assim, em graus variáveis de freqüência e intensidade, a subversão tem-se manifestado, normalmente, das seguintes maneiras:

- infiltração e doutrinação ideológica no maior número possível de segmentos das sociedades nacionais, aproveitando,

o quanto possível, os "espaços políticos" e as vulnerabilidades das legislações em vigor;

- execução de terrorismo indiscriminado e/ou seletivo; e

- desencadeamento da luta armada nas cidades e/ou nos campos.

Não obstante essa diversidade de procedimentos, é evidente o inter-relacionamento entre a maioria das organizações subversivas atuantes em estados americanos do Sul, que mantêm canais diretos de cooperação em termos de troca de experiências, treinamento, recursos financeiros, equipamentos e armas.

Cumpre assinalar, ainda, que a situação atual da subversão na AMÉRICA DO SUL está marcada pela reativação da JCR. Nos meses de Nov, Dez 80 e Jan 81, a presença da organização foi sentida através da ocorrência de um conjunto de reuniões, nas quais foram envidados esforços no sentido de superar o cisma que ainda persiste entre as suas lideranças e de buscar uma unidade de pensamento e comportamento entre suas diversas facções.

Naquela oportunidade, releva destacar a posição do grupo argentino MONTONEROS, o qual preconizou que a JCR deveria transformar-se em uma organização apenas de consulta e de ajuda econômica, sem atribuições para interferir na conduta das diversas entidades subversivas.

Contra o pensamento do grupo MONTONEROS estão os outros agrupamentos fundadores da JCR, os quais têm defendido a tese da necessidade de ser criado um "Comando de Coordenação", destinado a orientar as ações, a fim de emprestar, para o movimento subversivo, como um todo, um sentido de efetiva integração e objetividade.

Essas organizações apresentam, ainda, como base para a sustentação da tese que defendem, a argumentação de que o processo político na AMÉRICA DO SUL se apresenta de tal forma integrado que não é mais possível desenvolver atividades em um país sem que isto envolva e influencie outras nações.

3. SITUAÇÃO ATUAL DA SUBVERSÃO NOS PRINCIPAIS PAÍSES DA AMÉRICA DO SUL.

a. ARGENTINA.

Não obstante o grande esforço empreendido pelo Governo, na década de 70, para erradicar a subversão, a presença de organizações subversivas de esquerda é, ainda, uma realidade na vida política portenha. Assim, atuam em território argentino, principalmente, as seguintes organizações:

- Montoneros, que se acham engajados no desenvolvimento de uma operação denominada "Contra-Ofensiva", a qual prevê o desencadeamento de ações de cunho "militar" no país; e

- Partido Revolucionário dos Trabalhadores - Exército Revolucionário do Povo (PRT - ERP), que se encontra voltado para a execução de um trabalho de aprofundamento doutrinário, de linha trotskista, no âmbito de seus militantes, e de captação de novos quadros, mediante rigorosos critérios de seleção.

Além da presença desses dois grupos, é sensível a existência de outros de menor envergadura, cujas ações têm-se restringido, quase que exclusivamente, a contactos periódicos entre lideranças, visando a manter um mínimo de expectativa de sobrevivência.

Em linhas gerais, o que se vê na ARGENTINA, não obstante a permanente vigilância das Forças de Segurança, é a existência de um lento e profundo trabalho de recuperação das organizações de esquerda. Nesse sentido, a maioria vem tentando ocupar os poucos "espaços políticos", quase sem emprego da violência, aproveitando-se da postura mais "aberta" que vem sendo empreendida pelos sucessivos governos militares.

b. BOLÍVIA.

O ano de 1980 significou, para as forças subversivas atuantes na BOLÍVIA, um período de substanciais reveses. O movimento político de Jul 80, que impediu a posse de HERNÁN SILES ZUAZO, teve como uma de suas principais conseqüências a desarticulação da esquerda radical, com a prisão ou morte das principais

lideranças subversivas. Na oportunidade, marcavam presença, em solo boliviano, o Partido Comunista Boliviano (PCB), o Movimento de Esquerda Revolucionário (MIR), o Exército de Libertação Nacional (ELN), a Aliança de Esquerda Nacional (ALIN), o Movimento Nacionalista Revolucionário de Esquerda (MNRI) e outras organizações menos expressivas.

Na atualidade, entretanto, são palpáveis os sinais de reativação das esquerdas na BOLÍVIA, em particular do MIR.

Pelo seu lado, o governo boliviano tem manifestado públicas preocupações com o ressurgimento do terrorismo, o qual tem sido dirigido para vitimar pessoas, inclusive no meio militar.

Apesar da instabilidade política que tem rotulado a vida boliviana, o engajamento das Forças Armadas na luta contra a subversão tem conseguido manter as organizações sob pressão, evitando, em grande parte, o crescimento e a atuação das mesmas.

c. CHILE.

Os dois últimos anos da vida chilena têm sido marcados pelo recrudescimento da subversão, a qual, em algumas oportunidades, tem-se expressado sob a forma de atos terroristas. Nessa nova fase, despontam, como organizações mais atuantes, o Movimento de Esquerda Revolucionário (MIR), o Movimento de Ação Popular Unitário (MAPU), o Partido Comunista Chileno (PCCh) e o Partido Socialista (PS).

Com a vigência da nova Constituição, a partir de 11 Mar 81, as organizações citadas tiveram definitivamente suprimido o já estreito "espaço político" legal de que dispunham, o que as levou a optar pela luta armada e pelo desencadeamento do terrorismo "aberto", como únicas alternativas para afrontar o governo constituído no país.

O somatório das ações subversivas nos dois últimos anos revela que as organizações, após um longo período de trabalho subterrâneo, emergiram para a realidade política, apresentando um bom nível de adestramento "militar" e uma boa capacidade de organização.

De outra parte, o CHILE tem procurado tornar cada vez mais rígida a legislação pertinente ao combate à subversão e, em particular, ao terrorismo, com o objetivo de desestimular a prática de ações por parte de elementos extremistas. Além disso, ainda no intuito de conter a crescente onda de subversão, o Governo tem intensificado o emprego das forças de segurança em operações de controle, prisão e aniquilamento de células extremistas, localizadas tanto no meio urbano como no rural.

A despeito dessas providências, a subversão no país mostra-se como um problema palpável e em processo de agravamento, particularmente com crescentes atos de terrorismo seletivo contra autoridades governamentais e militares.

d. COLÔMBIA.

A atual situação política colombiana apresenta-se marcada pelo recrudescimento da ação subversiva. Apesar de ser um componente permanente na história política colombiana das três últimas décadas, pode-se afirmar que, no momento, as manifestações subversivas alcançaram um nível de intensidade que não se verificava há vários anos, sendo o único país sul-americano que enfrenta atividades de guerrilha.

Como responsáveis pela condução do processo atual de subversão na COLÔMBIA figuram, particularmente, as seguintes organizações de esquerda:

- Forças Armadas Revolucionárias da COLÔMBIA (FARC), com onze frentes de guerrilha rural, abrangendo todo o território colombiano;

- Exército Popular de Libertação (EPL), com quatro frentes de guerrilha rural na região norte do país;

- Movimento 19 de Abril (M-19), agindo nas áreas rural e urbana, ganhando destaque como a organização mais atuante em solo colombiano; e

- Movimento de Autodefesa Operário (MAO), atuante nas áreas urbanas, utilizando, particularmente, operações armadas para efeito de propaganda.

Dentre os diversos fatores que têm concorrido para o atual estágio de subversão na COLÔMBIA destacam-se:

- a livre atuação do Partido Comunista colombiano (PCC), que, usando a sua condição de organismo legal, tem apoiado as ações de guerrilha e de terrorismo;

- a infiltração de esquerdistas na maioria dos órgãos de imprensa; e

- a incapacidade do governo para resolver os graves problemas sociais e econômicos que assolam a COLÔMBIA.

Ao lado disso, os seguintes fatores concorrem para a quase perenidade da subversão:

- a conformação geográfica do país, caracterizada pela existência de selvas e de um grande número de montanhas;

- a precariedade das vias de comunicações terrestres, o que dificulta o deslocamento oportuno de contingentes militares para o desencadeamento de medidas de rápida resposta às ações subversivas;

- a disponibilidade de efetivos recursos (em material e em dinheiro) por parte das organizações subversivas, decorrente do apoio que recebem do exterior e de seu engajamento no tráfico de entorpecentes.

Por seu turno, o Governo tem mesclado ações militares de variados graus de envergadura com propostas de anistia geral, visando a conter a escalada subversiva no país. Embora, em termos gerais, tais medidas não tenham logrado inverter o processo de agravamento da subversão, em janeiro último a FARC conclamou a população a participar ativamente do processo eleitoral e ratificou sua decisão de manter o recesso de suas atividades guerrilheiras até meados deste ano, época das eleições gerais.

e. URUGUAI.

Após um longo período de convivência com a luta armada e com o terrorismo, o Governo do URUGUAI conseguiu, na última metade da década de 70, reduzir a subversão no país a um nível de inexpressividade. Em razão disso, os anos 80 têm sido marcados

pela quase ausência de ações violentas, no que tange à participação das esquerdas no processo político.

Entretanto, o movimento subversivo continua presente no país. A extrema esquerda, na qual se destaca a organização Movimento Tupamaro, está, agora, realizando um trabalho de recuperação de seus quadros e de reorganização de suas bases no exterior.

Há que se mencionar, também, o início das atividades do Grupo de Convergência Democrática (GCD), cujo objetivo é a formação de uma frente de oposição ao Governo. Além disso, o Grupo tem procurado conseguir apoio no exterior para implementar suas atividades.

De outra parte, têm sido registrados atentados, cuja responsabilidade está sendo atribuída a grupos radicais de direita. Tais ações - embora não tenham provocado vítimas ou danos materiais relevantes - têm causado preocupação às autoridades uruguaias.

Apesar de haver perspectiva de uma normalização das atividades políticas, o Governo uruguaio mantém, no momento, o controle da subversão no país.

f. PARAGUAI.

As principais organizações subversivas - Movimento 1º de Março, Exército Popular Revolucionário (ERP) e Partido Obrero Revolucionário Armado (PORA) - foram neutralizados no período de 1976-1978.

As Forças Armadas paraguaias, através do II Departamento do Estado-Maior Geral, têm desenvolvido um persistente trabalho, visando a manter desarticulado o agrupamento de esquerda existente no país.

Presentemente, os principais líderes dessas organizações encontram-se no exterior, procurando estabelecer ligações com elementos de outras nacionalidades e buscar apoio para a reorganização do movimento subversivo no PARAGUAI.

Internamente, os elementos de esquerda têm-se limi

tado, praticamente, a incentivar os grupos de oposição ao Governo STROESSNER (Movimento Popular Colorado, Acordo Nacional, etc) para intensificarem as suas ações de oposição política, sem, contudo, violarem a legislação em vigor.

g. EQUADOR

No EQUADOR é de pouca expressão a presença da subversão. Assinala-se, apenas, o trabalho que vem sendo executado pelo Movimento Popular Democrata (MPD), entidade de linha comunista que apóia, politicamente, os movimentos reivindicatórios de segmentos trabalhistas.

Embora não tenham ocorrido, ultimamente, atos terroristas, tem sido observada a presença de membros da organização colombiana M-19, que vêm tentando utilizar o território equatoriano como "base de apoio" para ações subversivas.

h. PERU.

O quadro interno peruano vem-se caracterizando, na atualidade, pela intensificação das ações por parte das organizações subversivas. Esse crescimento pode ser definido, em parte, como uma reação das esquerdas à redução de sua influência política nos destinos do país, em conseqüência dos reveses sofridos no Legislativo peruano nas últimas eleições gerais, realizadas em Mai 80.

Por outro lado, o agravamento da subversão pode ser creditado, também, à influência crescente da JCR sobre as organizações atuantes no país e à tolerância do Governo em relação às suas atividades ostensivas.

Há que assinalar, ainda, como um dos fatores da nova feição da subversão no PERU, o assessoramento que subversivos estrangeiros (presentes em território peruano) vêm prestando aos militantes das esquerdas nacionais.

No momento, marcam presença no PERU várias organizações subversivas, entre as quais se destacam as seguintes:

- Movimento de Esquerda Revolucionária (MIR);
- Frente Obrera Camponesa Estudantil Peruana (FOCEP);

- Frente Esquerdista Revolucionária - Operário Combatente Revolucionário (FIR-OCR);
- Partido Comunista Peruano (PCP);
- Exército Popular Peruano (EPP);
- Partido Socialista Revolucionário (PSR);
- Partido Revolucionário dos Trabalhadores (PRT);
- Unidade Democrática Popular (UDP); e
- Frente Nacional de Trabalhadores Camponeses (FNTC).

Além dessas, impõe-se mencionar a organização Sendero Luminoso, fração do Partido Comunista Peruano Bandeira Vermelha. Tal organização, de tendência maoísta, apesar de não contar com o apoio da maioria da esquerda radical, tem-se destacado pelo "aventureirismo" e pela violência com que marca a sua trajetória, sendo hoje considerada a facção mais atuante no país.

O Governo peruano, por sua vez, tem procurado conter a expansão da subversão através de um "endurecimento" da legislação antiterror e da condenação, pela Justiça, de elementos acusados de ações subversivas.

i. VENEZUELA.

A VENEZUELA continua sendo palco de atividades subversivas, inclusive sob a forma de terrorismo.

As operações, muitas vezes consideradas pelo Governo apenas como atos de banditismo, vêm-se desenrolando tanto no campo como na cidade.

Na área rural, cabe assinalar o ressurgimento da facção subversiva Bandeira Vermelha, a qual vem realizando atentados terroristas e arrecadando, sob pressão, dinheiro de proprietários rurais. A ação da Bandeira Vermelha tem-se concentrado na área denominada Triângulo das Guerrilhas, que compreende as regiões de EL CHAPARRO, ONOTO e ZARAGA, no Estado ANZOATEGUI.

A atuação da Bandeira Vermelha tem levado o Governo venezuelano a empregar tropas militares regulares para combatê-la.

Na área urbana, a ação subversiva tem-se manifestado, principalmente, sob a forma de terrorismo seletivo e sistemático, sabotagem, assaltos e infiltrações em vários segmentos da sociedade venezuelana. O Legislativo, atualmente, conta com diversos representantes de facções esquerdistas radicais, que atuam com crescente desenvoltura em oposição ao Governo.

No campo estudantil, a Universidade Central da VENEZUELA (UCV), com seus 45.000 estudantes, destaca-se como um grande foco de subversão no país.

No campo trabalhista, a Confederação Única dos Trabalhadores Venezuelanos (CUTV), órgão de expressiva representatividade da massa trabalhadora, mostra-se totalmente dominada pelos comunistas.

Em linhas gerais, pode-se assinalar que, nos dois últimos anos, a subversão na VENEZUELA não tem experimentado variações significativas, no que se refere ao aspecto da intensidade.

Releva mencionar, finalmente, que, desde que assumiu o governo, em Mar 79, o Presidente LUIZ HERRERA CAMPINS vem procurando pacificar o país. Para isso, apesar de criticado por muitos, deu início a um processo de liberação de elementos condenados por atos subversivos, através da concessão de indulto para os presos que se dispuserem a retornar à vida legal.

j. REPÚBLICA COOPERATIVA DA GUIANA.

Embora faça parte de entidades econômicas da AMÉRICA CENTRAL e do CARIBE, como o Mercado Comum Centro-Americano (MCCA) e o Banco de Desenvolvimento do CARIBE, esse país não alcançou um desenvolvimento sócio-econômico estável e continua a ser terreno fértil para as tentativas de desenvolvimento da subversão.

Notadamente a partir de 1979, a oposição mais radical, representada pelo grupo esquerdista Aliança do Povo Trabalhador (WPA) e pelo grupo marxista-leninista Partido Progressista do Povo (PPP), se opõe, cada vez mais, ao governo constituído.

O WPA é uma agremiação de esquerda marxista, supostamente desvinculada da ortodoxia soviética, cuja base de apoio concentra-se em GEORGETOWN e LINDEN,e que conta com intelectuais, funcionários, estudantes e trabalhadores especializados. Pode ser classifificada como uma facção marxista de classe média, basicamente de etnia africana. Em meados de 1980, o líder máximo da agremiação, WALTER RODNEY, foi morto em um atentado a bomba, em seu automóvel.

Por seu turno, o líder declarado marxista-leninista, CHEDDI JAGAN, do PPP, continua a tentar a implantação de um regime comunista na GUIANA, procurando desacreditar, cada vez mais, o Governo, perante a opinião pública.

De qualquer maneira, o Presidente FORBES BURNHAM, respaldado por considerável maioria nas eleições gerais realizadas em Dez 80, tem obtido êxito no propósito de conter o crescimento da subversão no país.

1. SURINAME.

Após um período de relativa calma, desde o contragolpe revolucionário de agosto de 80 (que afastou as lideranças pró-CUBA que haviam assumido o Governo mediante um movimento militar que depôs o Presidente FERRIER em fevereiro daquele ano), começa a caracterizar-se nitidamente outra luta pelo poder, marcando nova fase de instabilidade política no país.

A progressiva queda de prestígio do atual Mandatário CHIN A SEN e a intensa atividade de militares e de líderes radicais de esquerda poderá precipitar mais uma interferência no processo revolucionário em andamento.

Em fins de novembro último, realizou-se, em PARAMARIBO, um "Congresso Popular", com a participação de todas as grandes entidades sindicais e estundantis e de altas autoridades militares, cujo objetivo seria a formação de um "Partido Único" que passaria a governar o país, sem Constituição e com o Presidente atual desempenhando apenas um papel decorativo. Na ocasião, a ênfase nos discursos foi a tônica revolucionária e antiimperialista e o apoio ao povo de EL SALVADOR.

Verifica-se, desse modo, que as divergências internas, de setores do próprio Governo, podem alimentar o processo subversivo, que já conta, novamente, com considerável influência cubana.

m. GUIANA FRANCESA.

Apesar de pertencer à FRANÇA desde o século XVI, essa colônia não tem merecido da Metrópole uma atenção capaz de solucionar os principais problemas sócio-econômicos que afligem a população.

Reina um clima de inquietação sobre o futuro político do Departamento. Um maior grau de autonomia parece ser de consenso geral. O mesmo não se verifica quanto à independência da região, que é defendida por um grupo, numericamente pouco expressivo mas extremamente ativo, que goza de grande liberdade de ação, o que lhe permite operar no campo fértil da juventude.

Os representantes sindicais, ligados ao Partido Comunista e ao Socialista, pedem acentuado grau de autonomia ao Departamento, forçados por um pequeno grupo esquerdista que mantém ligações estreitas com CUBA e com o líder do Partido Comunista da REPÚBLICA COOPERATIVA DA GUIANA, CHEDDI JAGAN.

4. CONCLUSÃO GERAL.

Embora atuante em toda a área sul-americana, o movimento subversivo apresenta-se, no momento, multifacetado. Em alguns países, exterioriza-se sob a forma da violência; em outros, mostra-se por meio da infiltração e da doutrinação ideológica, "mansas" e insidiosas.

Não obstante existir um inter-relacionamento entre grande parte das organizações atuantes na área, particularmente no que se refere ao aspecto cooperativo, verifica-se que tal vinculação processa-se em nível ainda bastante incipiente. As diversas organizações - muitas vezes em razão de divergências ideológicas - têm insistido em conservar as suas próprias identidades, evitando o engajamento em "alianças" muito consistentes que possam descaraterizá-las como entidades singulares.

Portanto, não têm alcançado êxito os novos esforços que vêm sendo empreendidos pela JCR para emprestar ao movimento subversivo sul-americano um sentido de unidade e articulação, sendo previsível, mesmo, que tal objetivo não venha a ser alcançado a curto prazo.

Por outro lado, a maioria dos governos da região têm demonstrado aptidão para enfrentar e controlar o movimento subversivo em seus países, conseguindo explorar, com êxito, a falta de unidade entre as organizações de esquerda. Em muitos casos, o custo de tal enfrentamento, particularmente nas áreas política e social, tem sido bastante alto, o que, por si só, já se traduz sob a forma de dividendos para o Movimento Comunista Internacional.

No tocante à avaliação da grandiosidade do movimento subversivo na região, convém ressaltar o fato de que a maioria das organizações encontra-se em fase de reestruturação. Desse modo, nem sempre os indicadores "passividade" e "agressividade" mostram-se suficientes para uma avaliação satisfatória dos níveis de importância de cada facção e, mesmo, do movimento subversivo como um todo. Isto porque, em muitos casos, as posturas das lideranças não são conseqüência de sua própria vontade, mas dos diferentes níveis de pressão que os governos exercem sobre elas.

Do estudo comparativo dos vários estágios da subversão na AMÉRICA DO SUL, verifica-se que a COLÔMBIA é, no momento, o país mais afligido pelo fenômeno que, por sua intensidade e violência, tem dificultado as ações do atual Governo. Os apelos de TURBAY AYALA, no sentido de que as organizações esquerdistas submetam-se ao julgamento popular nas eleições gerais deste ano, não foram atendidos pelo M-19, que pleiteia uma anistia ampla e irrestrista para poder apresentar seu comandante, JAIME BATMAN, como candidato à Presidência da República.

O CHILE, por sua vez, apresentou um alto índice de crescimento da subversão nos últimos dois anos, principalmente após a aprovação da nova Constituição. Com estreitos espaços para aumentarem suas atividades, as organizações passaram a de-

senvolver ações terroristas audaciosas, na tentativa de mobilizar a opinião pública em oposição ao Governo.

Por outro lado, o agravamento da situação econômica e a ausência de perspectivas para o reinício das atividades políticas na ARGENTINA e na BOLÍVIA poderão motivar o recrudescimento de ações subversivas, contribuindo para a desestabilização dos dois governos que, no momento, enfrentam sérias dificuldades.

Cabe ressaltar, ainda, as tentativas de uma crescente influência cubana na região das antigas GUIANAS, cujos territórios, voltados para a área caribenha, ainda não alcançaram um desenvolvimento sócio-econômico capaz de lhes proporcionar estabilidade no campo político.

*   *   *